

Minas Gerais



DUAS ÁGUAS, MUITAS CONQUISTAS: A FORÇA DA FAMÍLIA GONÇALVES DE OLIVEIRA NO SEMIÁRIDO MINEIRO

A história da família Gonçalves de Oliveira, da comunidade Macucos, em Francisco Badaró (MG), é um retrato vivo de como o acesso à água transforma realidades no Semiárido. Em uma propriedade de 2 hectares, o casal José Leonidas Gonçalves de Oliveira e Maria Aparecida Gonçalves de Oliveira construiu sua trajetória com muito esforço, desde o casamento, em 1997.

Durante muitos anos, José precisou trabalhar em usinas longe de casa, em busca de melhores oportunidades, enquanto Maria assumia a chefia do lar e o cuidado com a família. Antes da chegada das tecnologias sociais, a realidade era extremamente difícil. Toda a comunidade dependia de apenas mil litros de água por semana, o que inviabilizava qualquer tipo de produção. A família vivia na dependência das chuvas, “esperando a água para tudo”, como recordam.

Quando a água chega, tudo muda

A transformação começou em 2011, com a construção da cisterna de captação de água da chuva de 16 mil litros, destinada ao consumo humano. Em 2024, o sonho se ampliou com a chegada da cisterna-calçadão de 52 mil litros, voltada para a produção. As duas tecnologias foram executadas pelo Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV), por meio da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). A partir daí, o cenário mudou completamente.

“Foi como acertar na mega-sena”, relembra Seu José. A segurança hídrica trouxe a possibilidade de planejar, organizar o quintal produtivo, ampliar as plantações e cuidar melhor dos animais. O que antes era incerteza passou a ser autonomia. Onde antes não havia produção, a terra começou a responder com vida.

Hoje, José e Maria, junto aos filhos Adão Marcos (27 anos) e Alana Kelly (12 anos), colhem os frutos dessa caminhada. A família mantém uma produção variada, com hortaliças, mandioca, batata-doce, maxixe, quiabo, frutas e andu, além de leite, rapadura e doces, entre outros alimentos. Esse trabalho com a agricultura familiar garante o abastecimento da casa, gera renda extra com vendas na comunidade e presença constante na feira local, todos os sábados. A alimentação tornou-se mais saudável, a renda aumentou e a propriedade, antes limitada, floresceu.

Entre tantas conquistas, um momento é lembrado com emoção: o surgimento dos primeiros cachos de banana no quintal.

“Só de olhar isso já é um privilégio”, conta Maria. Ela relembraria o tempo em que *“tudo era seco, não tinha nada”* e reforça que a chegada da água devolveu esperança.

Além das cisternas, a família também foi contemplada com um projeto produtivo, com repasse financeiro pelo Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). O apoio possibilitou a ampliação da produção, a melhoria da alimentação, o cercamento do quintal, a compra de arame e sombrite, além da reforma do chiqueiro.

Com o quintal fortalecido, os planos seguem firmes: expandir o projeto produtivo, cercar toda a propriedade, instalar energia solar, melhorar a estrutura com mais sombrite e diversificar ainda mais a plantio.

“É uma riqueza ter as duas águas”, afirma Seu José, com orgulho.

A caminhada da família Gonçalves de Oliveira revela que o Semiárido não é sinônimo de escassez, mas de resistência, saberes e possibilidades.

Mais do que estruturas físicas, as cisternas representaram autossuficiência, permanência no território e a chance de planejar o futuro com dignidade.

Se pudessem deixar um conselho, seria: *“Não percam a oportunidade de receber uma cisterna. A água muda tudo.”*

